

OS NOVENTA ANOS DE STELLA LEONARDOS

Sonia Sales

Stella Leonardos é o meu ponto de referência, ela é, na minha opinião, a mais completa poeta viva. Sem arriscariria que é uma das maiores poetisas de todos os tempos no Brasil. Um a jovem de noventa anos, elegante e bela; dizem até que não entrou para Academia Brasileira de Letras porque era bonita demais. Não concordo, acredito que não tenha entrado porque nunca se candidatou.

Não conheço alguém que tenha produzido tanto, são cerca de duzentos títulos e em várias línguas. Tem prêmios sem conta, sendo que nove da Academia Brasileira de Letras. Uma grande criadora em todas as áreas da literatura. O seu *Projeto Brasil*, com o odestamento chama uma obra gigantesca, nos fala de nossas lendas, e dos filhos ilustres de nossa terra, deste Brasil imenso.

Nestes tempos de internet, quando através das redes sociais podemos nos comunicar com o mundo todo, costumo postar no meu facebook lançamento de livros e homenagens aos meus amigos.

Há pouco tempo postei uma mensagem sobre Stella Leonardos; as respostas começaram a pipocar imediatamente com todos os elogios possíveis, e vinham dos mais diversos pontos do nosso país. Uma delas, de Carlos Emílio C. Lima, poeta cearense me chamou a atenção:

"Stella Leonardos é uma das maiores poetisas de todos os tempos no Brasil, ela é minha Musa".

Respondi dizendo que iria contar a ela.

No dia seguinte mais uma mensagem:

"Conheci Stella no Rio e ela foi a pessoa mais gentil que encontrei na vida".

Vou me apropriar de suas palavras, pois acho que elas definem bem a nossa maior poeta.

Conheci Stella, que para mim já era um mito, numa das sessões da Academia Carioca de Letras nos anos noventa; eu já era membro, mas como morava em São Paulo, fui convidada a me sentar junto à mesa da Diretoria perto dela. Foi a minha sorte, pois passamos a conversar e daí surgiu um grande amizade. Posso garantir que nenhum apessoa foi mais gentil que ela; a grande dama da nossa poesia, uma estrela fulgurante que naquele momento iluminava toda a sala, me acolheu como se já nos conhecêssemos há muito tempo.

Sua carreira literária começou muito cedo: aos 17 anos teve o seu primeiro livro de poemas publicado, "Passos na Areia". Um pouco mais tarde participou de um grupo de teatro amador, escrevendo várias peças, encenadas no Teatro Municipal e no Teatro Experimental do Negro. Apesar de ser de uma família tradicional de grandes intelectuais, mas, numa época em que as meninas eram apenas sinhazinhas, deve ter lutado para se impor como profissional.

Recebeu ao longo de sua carreira, 37 prêmios e inúmeras medalhas, condecorações e outras distinções.

Neste ano de 2013, Stella Leonardos, acaba de ser agraciada e por unanimidade com o "TROFÉU – RIO".

Falar da obra de Stella é tarefa difícil, são tantas etapas vencidas, tantos e tantos livros... Por isso vou me reportar aos mais recentes, os quatro títulos que acaba de escrever e publicar pela Editora Kelps de



Stella Leonardos e Sonia Sales

Goiás, mais uma vez traduzindo em poemas, vultos da história e da literatura brasileiras.

"Evocação para Antonio Vieira dos Santos", "Memorial de Jorge de Lima", "Evocação de Joaquim Norberto" e "Memorial de Luzia" (Do Bequimão).

OS DOIS COFRES

(Homenagem ao seu trisavô Joaquim Norberto)

Minha avó tinha dois cofres
Guardados a sete chaves
- um a caixa de cristal
E uma arca de pau-ros a

No de cristal suas joias.
No de madeira seus livros...

Como a meus olhos meninos
Aquilo fôsse e mistério
Vovó Marieta me disse
Que os livros haviam sido
Escritos pelo avô dela

- O nome dele; qual era?
- Guarda bem: Joaquim Norberto.

Stella é da terceira geração de modernistas, sendo contemporânea de Clarice Lispector. Uma estrela de primeira grandeza que brilha em sua total brasilidade com os seus cancioneiros, romances, peças de teatro, e livros infantis, além de ser tradutora premiada, escrevendo em castelhano, francês, inglês, italiano, catalão e provençal. Apesar dos seus noventa anos, é difícil acreditar que tivesse conseguido tempo para tantas e tão diversas obras.

Não posso deixar de registrar também a grande generosidade desta poeta, que sempre abriu caminho para os iniciantes nesta carreira difícil de escritor. Como amiga, ela é sem dúvida impar. Nunca ouvi queixar-se ou fazer a mais leve crítica a alguém; preocupa-se e tem uma palavra de estímulo para com todos.

Stella Leonardos é uma estrela que Deus nos emprestou ou deixou cair do céu por desguido.

Sonia Sales é membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do PEN Clube do Brasil, da Academia Luso-Brasileira de Letras e da Sociedade Eça de Queiroz.

Rumo aos 25 anos

Rosani Abou Adal

Em setembro *Linguagem Viva*, periódico mensal fundado em 1989 por Adriano Nogueira (1928 – 2004) e Rosani Abou Adal, completa 24 anos e se prepara para as comemorações do 25º aniversário de circulação ininterrupta.

Será um marco histórico, pois inúmeros veículos param de circular antes de alcançar um ano de existência. Quando sobrevivem por mais tempo, não conseguem manter a periodicidade.

Ao longo dos seis anos, *Linguagem Viva* melhorou o padrão gráfico e ampliou o quadro de colaboradores, composto de nomes expressivos da nossas Letras.

Sem o apoio dos amigos, colaboradores, leitores, clientes e da *Tribuna Piracicabana* jamais teríamos conseguido sobreviver por tanto tempo.

Também não seria possível sem o apoio dos assinantes que nos acompanham, desde a primeira edição, sem falhar um semestre ou ano. Muitos nem precisamos enviar comunicado de vencimento da assinatura, porque renovam-na antes do vencimento. É o elo que nos mantém vivos e nos dá forças para não desistir da caminhada.

Os colaboradores nunca nos abandonaram e sempre nos engrandecem com seus textos.

Sem o apoio dos nossos clientes e d' A *Tribuna Piracicabana*, que imprime e encarta o jornal, jamais poderíamos manter a periodicidade nesses 24 anos.

E, assim, continuaremos lutando pela democratização da leitura e pela valorização do autor e da Literatura brasileira.

Fica o nosso agradecimento aos assinantes, leitores, colaboradores, ao Evaldo Vicente – proprietário de *A Tribuna Piracicabana*, à Livraria Brandão, Débora Novaes de Castro e Dr. Genésio Pereira Filho – clientes, que estão conosco desde as primeiras edições, e que foram decisivos para que *Linguagem Viva* completasse 24 anos de circulação ininterrupta.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo.



Adriano e Rosani - última foto

As portas do tempo

Rodolfo Konder

É hora de relembrar. É hora de revisitar os labirintos da memória e do esquecimento – “seu vago porão”, como disse Borges. Os sons, as luzes, os gostos e os perfumes do Natal nos empurram para o lento declive.

Nas esquinas mais distantes, as pessoas já não têm rosto, transformadas em sombras fugidias. Há poucos carros nas inofensivas ruas daquele tempo. Ouvimos rádio. Nas madrugadas, jogamos sinuca. Dançamos com as garotas do Bolero. Contamos histórias vãs que nos encantam. Chegamos em casa com o sol.

Nas praias de Ipanema e do Leblon, passeio indispensável do mineiro Paulo Mendes Campos – sempre com a roupa e os cabelos em desalinho –, “há um tempo para o peixe e um tempo para o pássaro”. E um tempo eterno para cada um de nós, mistura que somos de pássaros e peixes, porque mergulhamos como gaivotas das pedras do Arpoador e nadamos como golfinhos entre arraiais e cardumes.

É hora de redescobrir as amigas que se encontravam conosco na esquina da Montenegro com Nascimento Silva, quando os nomes de rua ainda eram “esquecidos e ignorados” – segundo a receita ideal de Mário de Andrade. Os primeiros amores tinham a ingenuidade daquela época, como o senso de humor e os filmes de Doris Day, que víamos, fascinados, nos cinemas Prajá e Astória.

As luzes do final de ano se estendem como uma trilha que vem da Rua Teixeira de Melo e passa pela

casa, na Urca, da bisavó Adelaide – que, aos 98 anos, percebendo a cada Natal o desaparecimento gradativo dos filhos, deitou-se para morrer de tristeza e desânimo. Elas percorrem Ipanema, a Praça da Paz e a General Osório, as Ruas Nascimento Silva e Jangadeiros. Exilam-se comigo na Cidade do México, iluminando o Zócalo e o Paseo de la Reforma. Visitam o Uruguai, na Praia de Carrasco, e a Argentina, na Calle Maipú, vizinhança mágica de Borges. Depois, acompanham-me na vinda para São Paulo, para a Vila Nova Conceição, os Jardins e o Brooklyn e o Morumbi. Vão a Montreal, no “cinturão da neve”, onde brilham de maneira discreta nos generosos espaços subterrâneos, na Place des Arts, na Sherbrooke West e na Sainte Catherine Street. Explodem no *East Side* de Nova York, entre as Avenidas Lexington e Park.

Os sons perderam parte da musicalidade, os gostos sobrevivem agora com menos aditivos químicos. Os perfumes evoluíram muito, como o *design* e as telecomunicações. Nas mudanças, tornamo-nos todos mais informados – e talvez mais tristes.

Na penumbra deste lento declive, os mortos e as perdas gretam as paredes da memória e calçam de chumbo os pés da nossa caminhada. Mas as portas do tempo não se abrem somente para o desalento. Abrem-se, antes de mais anda, para a melhor compreensão de um presente que nunca nos ofereceu tantas promessas.

Rodolfo Konder é jornalista, escritor, Diretor da ABI em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação .

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.312/0001-02 – CCM: 98964744 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana* distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 347 – Piracicaba – SP – 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Sobre o 2º Salão do Jornalista/Escritor

Nildo Carlos Oliveira

Necessário falar um pouco sobre o 2º Salão do Jornalista Escritor, realizado este mês (setembro) no auditório Simon Bolívar, do Memorial da América Latina. Foram três dias de debates amplos, encaixados na temática do exercício profissional do jornalista, extensivo a ramificações diversas: política, ficção, historiografia, livros-reportagens, a chegada das novas tecnologias, o impacto que elas estão provocando na qualidade dos textos e outros temas.

Na abertura, o reconhecimento: não é fácil a montagem de um salão como este. Audálio Dantas, responsável pela curadoria do evento, disse que bateu em várias portas na busca de patrocínio. O retorno foi insatisfatório. E desabafou: se a intenção fosse realizar um desfile de moda, provavelmente encontraria maior receptividade. Como se tratava de um desfile de ideias, da colocação da inteligência na passarela, algumas portas, que poderiam ficar abertas, se fecharam. De qualquer modo, o salão ocorreu e com resultados importantes.

Eu mesmo tive a oportunidade, ao mediar uma mesa da qual participaram o jornalista e historiador Domingos Meirelles, e o escritor Carlos Moraes, de dizer que jornalismo é um aprendizado contínuo. O profissional se recicla ao redigir uma legenda, ao criar um título, ao elaborar uma matéria e ao ajustá-la às condições da realidade em que ela será publicada. Não por outro moti-

vo, o salão homenageou o escritor Graciliano Ramos – também um trabalhador de jornal - que estruturou o seu fazer literário levando ao ápice a qualidade dos textos, sem prejuízo, ao contrário, do rigor no tratamento do cenário social e humano em que os seus personagens se movimentam.

Houve, ali, o lugar para o contraditório. Se, por exemplo, a personalidade de Getúlio Vargas foi analisada de uma forma pelo biógrafo Lira Neto, encontrou divergência no estudo que o jornalista Domingos Meirelles fez do mesmo personagem. Ele entende que Getúlio é uma personalidade histórica, uma das maiores do País, mas vincada por uma postura tradicionalmente ambígua. E Fernando Moraes, para muitos dos jornalistas ali presentes, não conseguiu conter o exagero, ao tratar um ou dois de seus biografados.

A mesa especial *O repórter na estante*, com a participação de Luiz Fernando Emediato (Geração Editorial) e Carlos Andreazza (Editora Record), mostrou o quanto é limitado o espaço para o autor nacional que vem bracejando, isoladamente, para conceber e expor sua literatura. O lixo predomina, segundo o reconhecimento dos dois debatedores.

No final, fica a constatação de que o jornalista, que sente o fluxo e o influxo da história passar por ele todos os dias, é o intérprete preferencial dessa realidade. E não tem outra saída, senão resistir e sobreviver.

Nildo Carlos Oliveira é escritor, crítico literário e jornalista.



Audálio Dantas

Nas asas de Violeta Formiga

Ricardo Bezerra

No início da década de oitenta eu já dava meus primeiros passos no mundo das letras e muito ouvia falar de uma poetisa chamada Violeta Formiga.

O mais importante é que ouvia falar de uma pessoa irreverente, alegre, cheia de vida e com uma veia poética singular.

Os dias passavam e entre as pessoas que eu ia conhecendo nas tertúlias, lançamentos, saraus, encontros, etc., nunca se fazia presente à flor em pessoa. Violeta passara naquela época em minha vida apenas no "ouvifalar", até que chega a informação triste da sua morte.

Passados todos estes anos, precisamente trinta anos, passei a conhecer a poetisa, principalmente pela poesia de vida e pela literatura infantil, a escritora Neide Medeiros Santos, que em cada Congresso Literário em Campina Grande, Paraíba, motivado todos por ninguém mais que a primeira mulher a entrar na Academia Paraibana de Letras, a escritora Elizabeth Marinho, que em quase todos os seus colóquios, devidamente inseridos na oportunidade, fazia honradas críticas à poetisa Violeta Formiga.

Este novo viver, esta contemporaneidade com os estudos sobre Violeta Formiga proporcionaram a curiosidade de rever, reler e repensar a pessoa, a poetisa e encantadora flor que todos gostariam de ter em seu jardim.

A Professora Neide Medeiros Santos ao lançar "Violeta Formiga – 30 anos de encantamento – através de uma boa parceria com o livreur Heriberto Coelho, do Sebo Cultural, proporcionou-me mais uma aproximação com esta pessoa que VIVE, independente da condição física, pois a verdadeira imortalidade está em ser lembrado, após a morte.

Em uma noite fria e chuvosa que marcou o início do inverno no mês de junho em nossa geografia nordestina, marcado de festejos juninos, fogos, fumaça, fogueira, pamonha e canjica, a leitura era uma verdadeira explosão de alegria que não tinha rojão que tomasse de conta.

O corpo foi tomado pela emoção de ler Violeta Formiga, mais uma vez, sendo que agora com uma maturidade que só o tempo nos é capaz de proporcionar, fazendo com que a leitura fosse um misto de literatura e investigação policial, para entender "o voo do pássaro" na poesia de Neide Medeiros Santos.

Busquei na explosão de alegria que transborda na capa do livro, através do sorriso de Violeta Formiga, a razão de tantos enigmas em seus poemas e assim os entendi porque a sua matéria era tão irradiante, iluminando a todos, através dos seus poemas que de forma "Inteira" só buscava a "liberdade", tendo ela no "Tempo" esta mesma visão que tenho das estações, "passado-presente", onde nos perdemos nas "linhas infinitas do momento".

Violeta Formiga sabia da sua trajetória de vida, do seu simbolismo, da sua importância à vida, bradando sem limites, horários ou locais a sua existência que ficaria marcada sem rugas, mas pela plástica da juventude irretocável pelo tempo sombrio que seria o seu desfecho.

Ao lê-la, pode-se dizer que era louca. Porém, a loucura que ela carregava era da cura da liberdade, da expressão, do sentido de viver como um pássaro.

Os pássaros não podem ficar em gaiolas. Como as flores – violeta – que preferem os jardins a os vasos. Mas, este pássaro ficou preso na gaiola da vida moderna – apartamento – sem terra aos seus pés para ciscar ou ter violetas brotando; ficou abraçada pela inveja e o ódio de um caçador de corações na selva, para satisfazer o ego da morte.

Violeta não deixou que seu sonho de "ser pássaro" morresse, porque mesmo sem a vida material conseguiu transportar a imortalidade e "voar o infinito", sendo este o seu "último castigo" que foi trazer para os mortais a essência do voo da vida, que nas escolhas feitas na vida, pode nos tirar a vida.

Ricardo Bezerra é escritor, poeta, advogado, membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, da Academia de Letras e Artes do Nordeste-Núcleo da Paraíba e da Academia Paraibana de Poesia.



LIVRARIA BRANDÃO



Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefone: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/1
oldbook@terra.com.br - www.brandaojrestantevirtual.com.br

Arquitetura da solidão

Ronaldo Cagiano

Livro: **Lutos diários**
Autor: Leo Barbosa
Editora Patuá, SP, 2013
Pgs. 100 – R\$ 30

Lutos diários, terceiro livro na carreira do paraibano Leo Barbosa, que estreou aos dezoito anos com *Lembrança perseverante* (Ed. Salda Terra, 2008), seguido de *Versos versáteis* (Ed. Ideia, 2010), confirma a inflexão lírica do poeta num meticuloso mapeamento das dores e potencial exorcismo dos lutos, em que se nota uma pluralidade de evocações, além de uma provocante meditação a partir dos passivos psicológicos e afetivos de um ser dilacerado.

A invocação das perdas, que culminam num sofrimento apriorístico que enluta e forja atávicas batalhas, não é novo na literatura, mas nesse conjunto de poemas Leo Barbosa trabalha com uma margem elástica de percepções, em que o recurso de um único poema, não seccionado por títulos, é utilizado para percorrer as diversas estações de um calvário, tutelado por um olhar detido, que expõe e nomeia seus dilemas e angústias com uma propensão catártica.

Ainda que homogênea a construção poética, como um longo novelo do qual vai sendo desfiado – qual Ariadne no labirinto do Minotauro – o fio condutor de um mergulho profundo nos desconfortos interiores para dali escapar, cada página subsiste autônoma, sem interdição da temática predominante.

A exploração metafórica e metafísica dos vazios existenciais de um “eu” acuado em sua realidade pretérita; a necessidade de empreender uma travessia – ainda que traumática – pelas lacunas amorosas, pelos silêncios (ou prisões) das, às vezes abjetas, re(l)ações familiares, sofre uma abordagem sem qualquer afetação confessional, sem aquele espírito requentado de revanche ou acerto de contas, muitas vezes encontradão em algumas poéticas do desabafo. Ao deparar-se com esses versos candentes e pungentes, o leitor perceberá o estranhamento logo de saída, quando a própria linguagem, despojada de qualquer artificialismo ou apelação, se impõe justamente

pela contenção, falando mais pelo que oculta do que pelo que expõe ou revela. Aí a habilidade do autor que, apesar do acento pessoal, não faz concessões ao mínimo derramamento nem à verborragia, conduz seu projeto na busca de um conceito para seus lutos, esses que são tão antigos e universais, mas que a cada vivência suscita outras maneiras de (de) cantá-los, atualizando as questões abissais que tanto atormentam e desestabilizam.

Sintomaticamente dividido em duas partes, “Luto” e “Luta”, que em sua diátria configuração não se contrapõem nem se excluem, antes se relacionam simbioticamente, o livro de Leo Barbosa é um (in)tenso diálogo com a escuridão que nos habita, com a solidão intransponível, com os fossos da alma, com o degredo da utopia, com a miserabilidade íntima que não é medida em cifras, mas em sofrendências. Nessa peregrinação íntima, dolorida e desconcertante, o autor penetra os escaninhos de um desespero ancestral, uterino e dele não se exime, mas avulta em indignação, porque imperiosa a necessidade de desvelar as pequenas (mas avassaladoras) mortes quotidianas: do afeto, do sonho, do amor, da esperança, da consaguinidade, enfim, de todos os mitos que, pouco a pouco, vão sendo derrubados pela força demolidora de seu punhal crítico.

Vale ressaltar a unidade da obra, permeada por um constante equilíbrio e por uma bem cuidada simplicidade no tratamento de temas tão agudos, quando se percebe que o poeta não lança mão de nenhuma pirueta de linguagem para falar de dramas e atropelos, manejando um comedido jogo de palavras que não é brincadeira gratuita de emparelhamento de expressões ou rimas soantes e toantes. Antes, circunscreve-se como opção consciente por uma atitude estética que revela uma ética do sujeito preocupado com suas dicotomias e as do mundo, além de uma singular propensão de unir os extremos, em meio à acidez dos universos e atmosferas revelados. Essa característica foi ressaltada pelo professor, crítico e ensaísta Chico Viana, que anteviu no uso dos homônimos e aliterações recurso que impõe “um ritmo espasmódico ao fluxo verbal”. Tais reiterações

fônicas, sem dúvida, mais que impacto melódico ou harmônico, conferem ao texto outra plasticidade. Exemplos abundantes peculiarizam essa liberalidade do autor, além de outras tantas aproximações fonéticas: “Resido sem lar/ Resíduo de crescimento...”. “Agora sou eu/ Eu sou só/ Só sou eu.”. “Sou eu sem ti, senti/ Não senti/ Sem ti”/, “O dito pelo adito/ Que não é o des dito/ Que não é a desdita/ Esse silêncio é um grito”, “Como ser sem teu ser?/ Como ser sem teu seio?/ Sei-o com receio/ Mas não ceio sem tê-la/ Atrela o mofo desse amor amorfo/ Na tela do teu esgoto”/, “Um útero oco/ Um abraço-soco/ Um beijo-neuro”/, “A gente se adota/ E sente dotado/ De força”/, “Tenho sedes e sedes/ Cedo na estrada./ Cedo nos atalhos.”/, “O que em mim me moldura?/ O que em mim dura?/ O que em mim urra?/ O que em mim?”/ etc.

As estrofes de “Lutos diários”, como reverberação de uma consciência congestionada por múltiplas inquirições, seguem num crescendo, como rio fluindo num leito acidatado, corrente torrencial que vai se nutrido da seiva de uma inquietação superlativa, porém não se exaure no ponto final, porque deixa ao leitor outras camadas no seu rol de ressonâncias, no seu inventário de abismos, nesse arrolamento de melancolias progressas e nostalgias futuras, nas reticências que falam. É um exercício de leitura comovente, porque estamos diante de palimpsestos poéticos, porque quanto mais se (es)cava, mais se descobre, uma folha abre-se à outra, um gomo desvela o conteúdo do fruto amargo de uma experiência individual que, entre “tumulto e solidão” sinaliza o um panorama tão “profundo”, tão “imundo”, tão “mudo”, tão “indigente”, mas que apesar de toda a solidez (ou sordidez?) da realidade vivida,



guarda a única e possível dimensão, a humanizadora, que é da própria vida e seu entorno. E se aos olhos do poeta “esse rio de ódio/ corre por dentro”, porémessas águas não irão derrotá-lo, porque nessa batalha, ainda que insana, para sobreviver ao exílio psicológico ou vencer as mesquinhas contingências de seus desertos e a condição insular de um desterro quase irremovível ele resgata o grito submerso e acena com a possibilidade de apaziguamento (ou redenção), cerrando as cortinas com senha profética: “Meu no caute/ Não será o fim/ O fim será o no caute”.

Mais que um percurso pela babel de sentimentos revisitados, *Lutos diários* consiste na tentativa do escritor de saltar pelos próprios escombros ou renascer das cinzas, de inverter a lógica de Sísifo ou mitigar o destino de um Prometeu acorrentado. No mesmo diapásio de Mario Andrade, para quem “a arte se faz com carne, sangue, espírito e tumulto de amor”, Leo não usa a sua criação para dourar a pílula ou minimizar seus tormentos, mas para dissecá-los. Na trincheira dos desesperos ou no campo das feridas expostas, o soldado aguerrido foi à luta para, hermeneuticamente, escrever um sincero testemunho nesses versos de inesgotável humanidade. E é com eles que desfero o golpe de misericórdia, ou lança a derradeira pá de cal nos lutos acumulados.

Ronaldo Cagiano é escritor, ensaísta, crítico literário e advogado.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

OS ENIGMAS DA ESFINGE

Nancy Potter

Conheço pouco a obra do Moacyr Scliar, mas um dia li num jornal um pequeno conto dele que me marcou. Era sobre como uma moça reagia quando os homens se aproximavam.

Guardei a folha dobrada no fundo de uma caixa junto com pedaços de passado. Quase uma canastrinha da Emília. Meia pulseira de mosaicos de Florença, um marcador de livros, postais, santinhos de primeira comunhão, enfeites preciosos e mil outras lembranças.

Quando ele morreu, procurei saber se havia alguma matéria discutindo o assunto, porque o jogo, a inversão que ele fazia do enigma da esfinge era muito interessante. Importante.

Publicado no Folhetim, em julho de 1984, o conto é uma pequena jóia, talvez pouco conhecido. Mantive-o como um tesouro que eu não queria dividir à toa. Escondi para preservá-lo. Reler vez ou outra. Ele mostrava como uma mulher se sentia na iminência de um relacionamento amoroso.

Falava da necessidade que temos de saber quem o outro é e a que vem.

Da ansiedade em decodificá-lo, o mais rápido possível e da imprescindibilidade de obter o discurso que assegura e satisfaz. A atitude esperada. Pisar em território conhecido.

Explique-se, a moça ordenava. Que mistério ou miséria o fez assim?

Revele-se ou me consumo. Descubra-se e aí, sim, venha a mim.

Finalmente alguém tinha entendido. O Scliar nos conhecia!

Mas a maioria não se importa. Bárbaros. Devastadores.

Quem sabe neste terreno o correto seria seguirmos, mesmo que aos trancos e barrancos, envoltas em véus de sutilezas e incertezas. Um quê de segredo e desinteresse e talvez só mais tarde, quando já presas em desamor, invocarmos Têmis, clamando justiça ou abrimos as portas para sua irmã Nêmesis, a deusa da vingança, que pune até os deuses.

Ou soltarmos as Erinias, deusas dos tormentos, dos rancores e dos castigos, que surgem desenfadadas do fundo do nosso ser e perseguem os humanos pecadores morais, gritando, sem com isso aplacar seus eventuais crimes.



Moacyr Scliar

og.de.br/vp

A mitologia inteira arrastada para o Hades.

Forças primitivas, somente apaziguadas por Athena, a deusa da razão, mas que acaba surgindo só no final da história, quando nos quedamos, exaustas.

A moça sensível, ferida, se rasgava antes de mais nada.

O conto ajudou a fundamentar minhas exigências quanto à alma feminina. Redimia. Abrandava o sofrimento e a aparente loucura. Das que se dilaceram diante do desconhecido e do incontrolável. Como um cúmplice para uma saída mais digna.

É assim:

“Anti-esfinge

Descendia, dizia-se, da estranha linhagem resultante do encontro de Édipo com a esfinge: uma moça bonita, mas de olhar desvairado e aparência selvagem. A qualquer homem que dela se aproximasse, bradava: decifra-te ou me devoro! E ato contínuo punha-se a morder as mãos, os pulsos, os braços, arrancando nacos de carne e pele. Estava cheia de cicatrizes. Fugiam dela, os pretendentes. Não temiam que ela se devorasse; sabiam que pelo menos os belos dentes sobriariam. Mas decifrar-se, desvendar-se, lhes era impossível. Preferiam uma existência tranqüila, em que apenas nos pesadelos os atormentassem seus próprios fantasmas ou os espectros da mitologia.” Moacyr Scliar

Pelo amor à vida, enfrente.

Decifra-te ou me devoro. Ou te devoro.

Nancy Potter é escritora, advogada e cientista social.

O Pentear de Cabelos

Caio Porfírio Carneiro

Comprou o jornal na banca, como fazia todas as manhãs, e resolveu estender o passeio por outras quadras, além das habituais que percorria. Entrou numa rua de edifícios altos, silenciosa, poucos passantes. Descobriu, no alto da janela de um velho prédio, uma mulher olhando indiferente a rua, penteando lentamente os cabelos. Ficou olhando-a curioso e até sorrindo. Chegou à esquina e de lá ficou observando-a. Ela continuava, ar de devaneio, a pentear-se, em ritmo lento. Balançou a cabeça, sorriu, e tomou o caminho de casa.

No dia seguinte, ao comprar o jornal, lembrou-se dela e resolveu passar novamente em frente ao velho edifício. Entrou na rua, silenciosa e tranqüila, e tomou um susto. Lá estava ela, encostada à janela, penteando os cabelos, como se não tivesse parado de fazê-lo desde o dia anterior. Demorou-se no fim do quarteirão, olhando-a e olhando-a, e ela não alterava o ritmo, sem sair do ar de devaneio.

Retornou no outro dia. Mesma mulher, mesmos gestos. Então estranhou. Mudou seu passeio de horário. Lá estava ela. Indagou na banca de jornais quem seria. Não sabiam e nunca a viram. Indagou de passantes do quarteirão. Não lhe davam atenção. Resolveu dirigir-se ao porteiro do velho edifício. O susto aumentou. Ninguém atendeu, tudo fechado. E ela lá em cima permanecia penteando os cabelos. Dirigiu-se a um carro de polícia que passava. Nenhum policial que ia nele viu janela aberta. Palpitou, desorientado.

Voltou para casa às pressas. O que lhe estava acontecendo? Teria que tomar providência. Entrou, sentou-se lívido e palpitando, gritou pela mulher. Os passos dela vieram lentos pelo corredor. Quando a viu em sua frente, a perplexidade tomou-lhe conta de vez: ela, ar de devaneio, penteava lentamente os cabelos.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.



Xavier



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 70,00

Assinatura Semestral: R\$ 35,00

Nome: _____
 Endereço: _____
 Cidade: _____
 Estado: _____ Tel.: _____
 E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME - agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
 São Paulo - SP - 03062-000 - Tel.: (11) 2693-0392
 Cel.: 97358-6255 - linguagemviva@linguagemviva.com.br

Das páginas do diário de bordo de Fábio Lucas

Gabriel Kwak

Todo criador literário que se preze deve cultivar seus apontamentos íntimos, monólogo interior que não necessariamente se destina a vir a público com o passar do tempo.

Fábio Lucas, o acatado intérprete do acontecimento literário, do alto da magistratura da sua militância crítica, com mais de 40 títulos publicados, também não se furtou a manter seu canhenho íntimo. Trata-se de *flashes*, *insights*, vinhetas, nótulas de leitura com feição de crônica, pílulas de interpretação do cotidiano, reflexões e indagações sobre o significado da vida e dos seres e até desenhos.

Indiscretamente, enfeixo aqui essas iluminuras recônditas de Fábio Lucas, recortadas quase que ao acaso. Seria um contrabando da minha parte, se o autor das linhas que seguem não tivesse mo autorizado a fazê-lo. De certa forma, faça-me dele confidente...

25 de junho de 1995

Encontro no verso de um bilhete de voo de Philadelfia a Chicago, de 26/12/1971, estes versos que terei copiado em inglês:

*"A fallen flower
Returning to the branch?
It was a butterfly."*

Moritake (1472-1549)

1996

1º de fevereiro – O tempo voa.

Resumo: em dezembro L. se foi de vez para Recife. Fui para BH e vivi entre chuvas e exames médicos.

Problemas do coração. Aprofundei conhecimento de N. Fiquei com a Glaura. Dispus de carro, pois viajei no meu.

Regressei a S. Paulo com plano de volta a BH, pelo aniversário de Cota.

Ainda em dezembro: Congresso de Escritores do Mercosul. Ida a Goiânia para examinar concurso de titular de Literatura Portuguesa.

Em novembro falei em S. João da Boa Vista. Antes, tinha estado em Florianópolis: conferência e organização da UBE de Sta. Catarina.

Também estive em Juiz de Fora, para fazer conferência. Janeiro se foi num sopro. Entrei hoje em fevereiro.

Num boletim da Pensão Jundiá: [21-11-95] encontro esta frase de Carlito Maia: "A verdade deve ter escravos, não donos."

Palavras aladas

"Os dias são pássaros velozes que escondem na mata próxima seu grito incerto.

Fluem dos dedos as palavras ecos do Santo Ofício sobre o pasto em chamas O que fica é pouco o tempo embrulha e atira no ar.

Dor que os filhos entendem. Dividir o sonho em pequenos pedaços de doçura."

23.X.98

O tempo levou-me até o relógio que marcava o meu tempo.

6.XII.96

"Planos de governo são sonhos com data marcada."

James Buchanan (em epígrafe de artigo de Roberto Campos).

12 de março. (1995)

Copiei, no ano passado, o trecho seguinte, de um livro emprestado pela Rosana: de Te-Shan, mestre zen chinês:

"No mind in work in mind. Which direeks the zennist to be free of all

self consciousness, to be buji, completely free of anxiety. While working, work; while resting, rest."

(Matsuo Bashô, *Narrow road to Interior*, translet by Sam Hamill, Shambala, Boston London, 1991, p. XXII).

22.XI.94

Glaura me conta que, saindo com Anderson e André, este interrompeu-os para perguntar:

- O que veio primeiro, o universo ou o futuro.



Fábio Lucas

Como os pais hesitassem na resposta, André resolveu pôr ordem no mundo e, então, enumerou o que veio primeiro:

- 1º O Universo;
- 2º O infinito;
- 3º O futuro.

Glaura arrematou dizendo que ia guardar as questões filosóficas para que eu e Rosana discutíssemos.

Onde houver amor, ponha amor, pois daí somente poderá nascer mais amor. (26-7-94).

31/X (1996)

As bruxas andam soltas. Após eu saber da morte de Uilson Pereira, veio-me a notícia de que Deonísio da Silva sofrera acidente automobilístico.

Hoje, desde cedo, a notícia da queda de um avião da TAM sobre o bairro de Jabaquara. Consternação nacional.

Ligo o rádio à tarde, de volta do meu almoço. Fico sabendo que João Antônio foi encontrado morto no seu apartamento no Rio.

Outro amigo perdido. Bom ficcionista, afinava o seu instrumento verbal entre Lima Barreto e Machado de Assis. Sóbrio, enxuto, expressivo.

Missivista afetuoso, manifestava grande estima por mim. Vai-me fazer falta.

4 de novembro

A notícia da morte de João Antônio, observa Antonio Arnoni Prado, quase se deu no dia da morte de Lima Barreto, seu ídolo, falecido a 1º de novembro de 1922.

27.4.98

Comentário

Cortas o prazer ao meio enquanto a morte agita a cortina branca.

8.7.99

Frequentei o teu corpo como um forasteiro, sem direito a pousada.

Gabriel Kwak é jornalista, escritor, revisor e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão (SP).

Todo mundo adora ver uma caricatura bem feita. E bem feita pra você que ainda não tem.



www.xavi.com.br



Lançamentos e Livros

Intorno alle ore, de Maria de Lourdes Alba, Palma Mazzone Produzioni, Renzo e Rean Mazzone editori, Uliano Greca coeditore, Italo-Latino-americano Palma, Collana diretta da Salvator d'Anna, Palermo, Itália, 96 páginas.

A autora é escritora, poeta e jornalista.

O obra reúne poemas trazidos para o italiano por Renzo Mazzone, dos livros *Ao Redor das Horas*, *Gotas na Face*, *Sentimentos Peregrinos* e *Expressão de Vida* de Maria de Lourdes Alba. O prefácio é de Elio Giunta e a nota crítica de Caio Porfírio Carneiro.

Maria de Lourdes Alba: albalou@uol.com.br

Palma Mazzone Produzioni: www.ilapalmaproduzioni.com



Revolução em Campina Brava, de Waldir de Luna Carneiro, teatro, Scortecci Editora, 128 páginas, São Paulo, SP.

O autor é escritor, contista, dramaturgo e jornalista.

Segundo Elésio Paulo, Doutor em Letras pela Unicamp, "Uma análise possível desentranharia o parentesco de Waldir de Luna Carneiro com Martins Pena, patriarca da comédia nacional, mas mostraria um dramaturgo que estudou detidamente a paisagem regional para criar seus personagens, e começar pelo impagável Coronel Bezerra. Um autor que tem um senso apurado da vida inteiorana e uma saborosa crítica dos fatos, reproduzindo os tiques de linguagem dos viventes do interior.

Scortecci Editora: www.scortecci.com.br

Desafios da Memória II - 1973 - 2005, de Rodolfo Konder, RG Editores, São Paulo, 112 páginas.

O autor é escritor, jornalista, diretor da representação São Paulo da Associação Brasileira de Imprensa e membro do Conselho Municipal de Educação. Foi agraciado com o *Prêmio Jabuti*, *Prêmio Vladimir Herzog* e com o *Prêmio Monteiro Lobato*.

A obra reúne 37 crônicas que foram publicadas entre 1973 e 2005 em jornais de grande circulação do País e no *Linguagem Viva*.

RG Editores: www.rgeditores.com.br



Concursos

O III Prêmio de Poesia Portal Amigos do Livro, promovido pelo Portal Amigos do Livro, com apoio do Portal Concursos e Prêmios Literários e da Scortecci Editora, está com inscrições abertas até 31 de dezembro de 2013. Os interessados poderão inscrever uma poesia inédita. É obrigatório o uso de pseudônimo. Premiação: Os 50 trabalhos selecionados serão publicados em antologia pela Scortecci Editora. A título de Direito Autoral, cada autor receberá 5 exemplares da obra. Informações: www.amigosdolivro.com.br. Inscrições: www.concursosliterarios.com.br/formulario.php?id=428

31º Concurso Literário Yoshio Takemoto, promovido pela Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku, está com inscrições abertas até o dia 15 de outubro, para haikai, poesia, conto e tradução do japonês para o português, e mais sete modalidades em japonês: shōsetsu (conto), zui-hitsu (ensaio), tanka (poesia lírica), haiku (haikai), shi (poesia livre), senryū (poesia satírica) e hon-yaku (tradução do português para o japonês). Os interessados poderão inscrever trabalhos inéditos, em três vias, sob o uso de pseudônimo. Premiação: Conto, R\$ 700,00, e demais modalidades R\$ 500,00. Menção Honrosa na modalidade Conto: R\$ 300,00; Menção Honrosa nas demais modalidades: R\$ 200,00. Informações: <http://www.nikkeibungaku.org.br/index.htm>

Notícias de Piracicaba

Um Poema em cada Árvore, evento realizado simultaneamente em 84 cidades no dia 21 de setembro com o objetivo incentivar a leitura e levar a poesia até onde o povo está, é comemorado no Dia da Árvore por poetas, educadores, agentes culturais, clubes, escolas e redes sociais. A Academia Piracicabana de Letras, o Grupo Oficina Literária de Piracicaba, o Centro Literário de Piracicaba, Poesia ao Vento, o Sarau Literário Piracicabano e o Clube dos Escritores de Piracicaba também se mobilizaram e promoveram uma grande festa.

O 40º Salão Internacional de Humor de Piracicaba divulgou o vencedor do *Grande Prêmio - Troféu Zélio de Ouro* que foi destinado ao cartunista sérvio Goran Divac, primeiro colocado na categoria Cartum, que será laureado com a importância de R\$ 10 mil. A referida categoria é escolhida entre os vencedores do Cartum, Caricatura, Charge e Tiras/HQ.

O Salão de Humor, que reúne 442 obras de 64 países, poderá ser visitado até 20 de outubro, com entrada gratuita, no Engenho Central de Piracicaba. www.salaodehumor.piracicaba.sp.gov.br

O Centro Literário de Piracicaba realizará reunião no dia 26 de outubro, sábado, às 15 horas, na Biblioteca Municipal. Madalena Tricânico falará sobre a vida e obra de Marina Tricânico.

O Grupo Oficina Literária de Piracicaba realizará reunião no dia 2 de outubro, quarta, às 19h30, na Biblioteca Pública Municipal.

João Baptista e Souza Negreiros Athayde apresentará o poeta Eli de Campos Melges no próximo Poesia ao Vento, no dia 18 de outubro, sexta, às 19 horas.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRARDAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

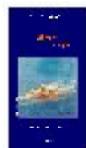
Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



og.de.br/m.jp



Leyla Beatriz Perrone Moisés

Notícias

Rosani Abou Adal representou a Associação Brasileira de Imprensa no júri final do *Prêmio Líbero Badaró*, realizado pela revista e portal IMPRENSA, com patrocínio da Souza Cruz e apoio institucional da Associação Brasileira de Imprensa, Instituto Internacional de Ciências Sociais, Instituto Palavra Aberta e Artigo 19.

Leo Barbosa, lançou *Lutos diários*, pela Editora Patuá, no dia 13 de setembro, na Casa das Rosas, em São Paulo.

Stella Leonardos, poeta e escritora, foi agraciada com o *Prêmio Troféu Rio* de Personalidade Cultural 2013, promovido pela União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro.

Cyro de Mattos lançará, em Portugal, *Vinte e um poemas de amor*, pela Editora Palimage, no dia 30 setembro, segunda, às 18 horas, na Casa da Escrita, em Coimbra, Rua João Jacintho, 8, em Portugal.

O **Prêmio Portugal Telecom** divulgou os finalistas das categorias poesia, romance, conto/crônica ano e do *Grande Prêmio Portugal Telecom*, que serão agraciados com a importância de R\$ 50 mil, em www.premioportugaltelcom.com.br/

Paulo Werneck foi eleito o novo curador da Festa Literária Internacional de Paraty e substituirá Miguel Conde, que foi o curador das duas últimas edições.

Thais Matarazzo, jornalista, pesquisadora musical e escritora, lançará *Fado no Brasil: Artistas & Memórias* no dia 18 de outubro, sexta, das 15 às 18 horas, no Auditório da Ordem dos Músicos do Brasil/SP, Avenida Ipiranga, 318, 6º andar, bloco A, em São Paulo.

A **VI Bienal Internacional do Livro de Alagoas**, que será realizada de 25 de outubro a 3 de novembro, em Maceió, homenageará os escritores alagoanos e terá Portugal como país homenageado.

Gianni Carta lançou *Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho*, pela Boitempo Editorial.

A **União Baiana de Escritores**, presidida por Roberto Leal, fundada em agosto, empossará a nova diretoria no III Encontro de Escritores Baianos Independentes, que será realizado de 10 a 11 de outubro, em Salvador, na Biblioteca Pública Thales de Azevedo, Rua Adelaide Fernandes da Costa, s/n. uniobaianadeescritores@yahoo.com.br

Flora Figueiredo lançou *Dom*, com ilustrações de Psonha (Priscila Camacho) e *Maria Pirulito*, com ilustrações de Christiano Menezes e Beto Campos, livros infantis, pela Novo Século Criança.

Zivaldo, autor homenageado da 16ª Bienal do Livro do Rio de Janeiro, realizada de 29 de agosto a 8 de setembro, lançou *Maluquinho de família* durante a feira.

Cecy Barbosa Campos lançou, pela Editora Aldrava, o livro de aldravias *Crepusculares* que reúne poemas sintéticos, capazes de inverter ideias correntes de que a poesia está "num beco sem saída". A nova forma poética foi criada em dezembro de 2010.

Da Interpretação, obra de Aristóteles, traduzida e comentada por José Veríssimo Teixeira da Mata, foi lançada pela Editora Unesp, em grego e português.

Ana Maria Machado, com o romance *Infância*, editado pela Alfaguara, foi a vencedora da 8ª edição do *Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura*. Ela foi agraciada com a importância de R\$ 150 mil durante a cerimônia de abertura da 15ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, realizada em agosto.

A **Instrução Normativa nº 02** estabelece normas e procedimentos para a gestão do Vale-Cultura, criado pelo Programa de Cultura do Trabalhador, que entrou em vigor no dia 6 de setembro. As empresas interessadas em fornecer o Vale-Cultura aos funcionários poderão se inscrever junto à SEFIC a partir de 7 de outubro. www.cultura.gov.br

João Carlos Canossa, novo presidente da Associação Brasileira das Editoras Universitárias, foi empossado no dia 30 de agosto, na Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, para substituir José Castilho Marques Neto.

A **Associação Brasileira de Encadernação e Restauro** realizará o 1º Simpósio Inovação, Desenvolvimento e Tecnologia na Preservação de Acervos ABER/SENAI, de 9 a 10 de outubro, no Museu de Arte de São Paulo, Av. Paulista, 1578, em São Paulo. A taxa é de R\$ 150,00, para o público em geral, e R\$ 135,00 para associados ABER e estudantes. www.aber.org.br

Silvio Fiorani lançou o Paradoxo da Serpente, pela Editora Record.

Olavo Amaral foi o primeiro colocado do 13º Concurso Nacional de Contos *Josué Guimarães* e Mariana Salomão Carrara, em segundo lugar.

Sônia Coutinho, escritora baiana, jornalista e tradutora, faleceu aos 74 anos, no dia 24 de agosto, no Rio de Janeiro. Foi agraciada com o *Prêmio Jabuti*, em 1979, com *Os venenos de Lucrecia*, e, em 1999, com *Os seios de Pandora*; e com o *Prêmio Clarice Lispector*, da Biblioteca Nacional, com *Ovelha negra e amiga loura*.

Capas de artistas: 50 anos de história, mostra que reúne capas de livros do acervo de Guilherme de Almeida, ficará em cartaz até 20 de outubro, de terça a domingo, das 10 às 18 horas, na Casa Guilherme de Almeida, Rua Macapá, 187, em São Paulo. Destaque para a capa e a quarta-capa de *Nós* (1917), primeiro livro do poeta, criadas por Fernando Correia Dias. www.casaguilhermedealmeida.org.br

CEHC/Grupo de Debates NOÉTICA

www.noetica.com.br

Saiu o Volume nº 9 da coleção PALAVRAS ESSENCIAIS que trata do tema ÁTRIO DOS GENTIOS.

Com coordenação de João Barcellos e selo da Edicon, com apoio do Centro de Estudos do Humanismo Crítico (Portugal) e do Grupo de Estudos Noética, vários intelectuais latinoamericanos discutem os dogmas místicos e sua relação social.

João Barcellos coordena, também, a coleção DEBATES PARALELOS, hoje com 8 volumes.

EDICON: Tel.: (11) 3255-1002.

